

## *Balaenoptera bonaerensis* Burmeister, 1867

Camila Domit, Alexandre de Freitas Azevedo, Ana Carolina Oliveira de Meirelles, Diogo Alexandre de Souza, Fernanda Löffler Niemeyer Attademo, Flávio José de Lima Silva, Juliana Di Tullio, Karina Rejane Groch, Larissa Rosa de Oliveira, Leonardo Liberali Wedekin, Mariana Carrion, Marta Jussara Cremer, Milton César Calzavara Marcondes, Pedro Fruet, Rodrigo Hipolito Tardin Oliveira, Silvina Botta, Vera Maria Ferreira da Silva, Waleska Gravena, Fábía de Oliveira Luna

### Como citar

Domit, C.; Azevedo, A.F.; Meirelles, A.C.O.; Souza, D.A.; Attademo, F.L.N.; Silva, F.J.L.; Tullio, J.; Groch, K.R.; Oliveira, L.R.; Wedekin, L.L.; Carrion, M.; Cremer, M.J.; Marcondes, M.C.C.; Fruet, P.; Oliveira, R.H.T.; Botta, S.; Silva, V.M.F.; Gravena, W.; Luna, F.O. 2023. *Balaenoptera bonaerensis*. Sistema de Avaliação do Risco de Extinção da Biodiversidade - SALVE. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio. Disponível em: <https://salve.icmbio.gov.br> Digital Object Identifier (DOI): <https://doi.org/10.37002/salve.ficha.14476.2> - Acesso em: 13 de mar. de 2025.

### Categoria: Dados Insuficientes (DD)

Última avaliação: 18/05/2018

Ano da publicação: 2023

### Justificativa

*Balaenoptera bonaerensis* é uma espécie que ocorre predominantemente no Hemisfério Sul. No Brasil é registrada desde o Pará até o Rio Grande do Sul com área de reprodução conhecida em águas oceânicas do Nordeste. Nesta região a espécie foi caçada entre 1964 e 1985, o que causou uma redução da população. Atualmente não existem estimativas da população no Brasil. Na área brasileira de reprodução há expansão das atividades de exploração e produção de petróleo e gás que podem representar ameaça a espécie. Entretanto, faltam informações que permitam uma avaliação adequada do risco de extinção da espécie no Brasil. Portanto, *B. bonaerensis* foi categorizada como Dados Insuficientes (DD).

## Classificação Taxonômica

Reino: Animalia

Filo: Chordata

Classe: Mammalia

Ordem: Cetartiodactyla

Família: Balaenopteridae

Gênero: *Balaenoptera*

Espécie: *Balaenoptera bonaerensis*



Autor: Bob Walker

### Nomes Comuns

- Baleia-minke-antártica
- Antarctic minke whale; Ordinary minke whale (Inglês)
- Rorcual enano ou Ballena Minke (Espanhol)
- Petit rorqual (Francês)

### Notas Taxonômicas e Morfológicas

Até a década de 1990, apenas uma espécie de baleia-minke (*B. acutorostrata*) era reconhecida, sendo *Balaenoptera bonaerensis*, considerada como uma subespécie, *B. a. bonaerensis* (Reilly *et al.*, 2008). Árnason *et al.* (1993) e Rice (1998), sugeriram que a esta última fosse dado o “status” de espécie, no caso *B. bonaerensis*, a baleia-minke-antártica.

Análises genéticas (Wada *et al.*, 1991; Pastene *et al.*, 1994; Pastene *et al.*, 2007) consideraram a baleia-minke-anã e a baleia-minke-comun do Hemisfério Norte como uma espécie, *B. acutorostrata*, enquanto que a baleia-minke-antártica foi caracterizada como uma espécie distinta, *B. bonaerensis*. A partir do ano 2000, as duas espécies passaram a ser reconhecidas pela Comissão Internacional da Baleia (CIB), pela Convenção sobre o Comércio de Espécies Ameaçadas de Extinção da Fauna e Flora Selvagens (CITES) e pela Convenção sobre Espécies Migratórias (CMS).val

## Distribuição

**Endêmica do Brasil:** Não

### Distribuição Global

*Balaenoptera bonaerensis* ocorre somente no Hemisfério Sul, com quatro registros ocasionais para o Hemisfério Norte, sendo um no Brasil (Rice, 1998; Glover, 2010; Lima *et al.*, 2010).

No verão, são abundantes em toda a Antártida, ao Sul de 60°S, ocorrendo em maiores densidades nas proximidades da calota polar (Reilly *et al.*, 2008), mas também ocorrem fora da Antártida (Kasamatsu & Miyashita, 1983). Há registros da ocorrência de animais na Antártida durante o inverno (Perrin & Brownell, 2009), embora a maioria migre para locais de reprodução em médias e baixas latitudes, onde apresentam distribuição oceânica (Perrin & Brownell, 2009). As áreas de reprodução conhecidas estão situadas na Austrália, África do Sul e Brasil (Rice, 1998).

### Distribuição Nacional

No Brasil a ocorrência mais próxima do Equador foi no Rio Muriá (00°43'S; 047°54'W), município de Curuçá, Pará (Siciliano *et al.*, 2008).

Além dos dados de caça, há dados de avistagens e encalhes da espécie em vários locais da costa brasileira, desde o Pará até Santa Catarina.

Há o registro de avistagens no Sul da Bahia e em São Paulo (Zerbini *et al.*, 1997; 2004). Andriolo *et al.* 2010 apresentam dados de avistagens em alto mar no Nordeste, e Ramos *et al.* (2010) observaram a presença de 15 grupos de *B. acutorostrata* ou *B. bonaerensis*, nos estados da Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo.

Zerbini *et al.* (1997) apresentam dados de encalhes na Paraíba, Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina, enquanto Santos *et al.* (2010) relata três encalhes para o estado de São Paulo. Há mais dois encalhes no Pará (Siciliano *et al.*, 2008; Siciliano *et al.*, 2011) e um no Amapá (Lima *et al.*, 2010). Duas baleias capturadas na Paraíba haviam sido marcadas na Antártida, na Área II, 62° e 69°S (Buckland & Duff, 1989 apud Reilly *et al.*, 2008), demonstrando que pelo menos alguns indivíduos da população brasileira migram para a Antártida.

### Estados

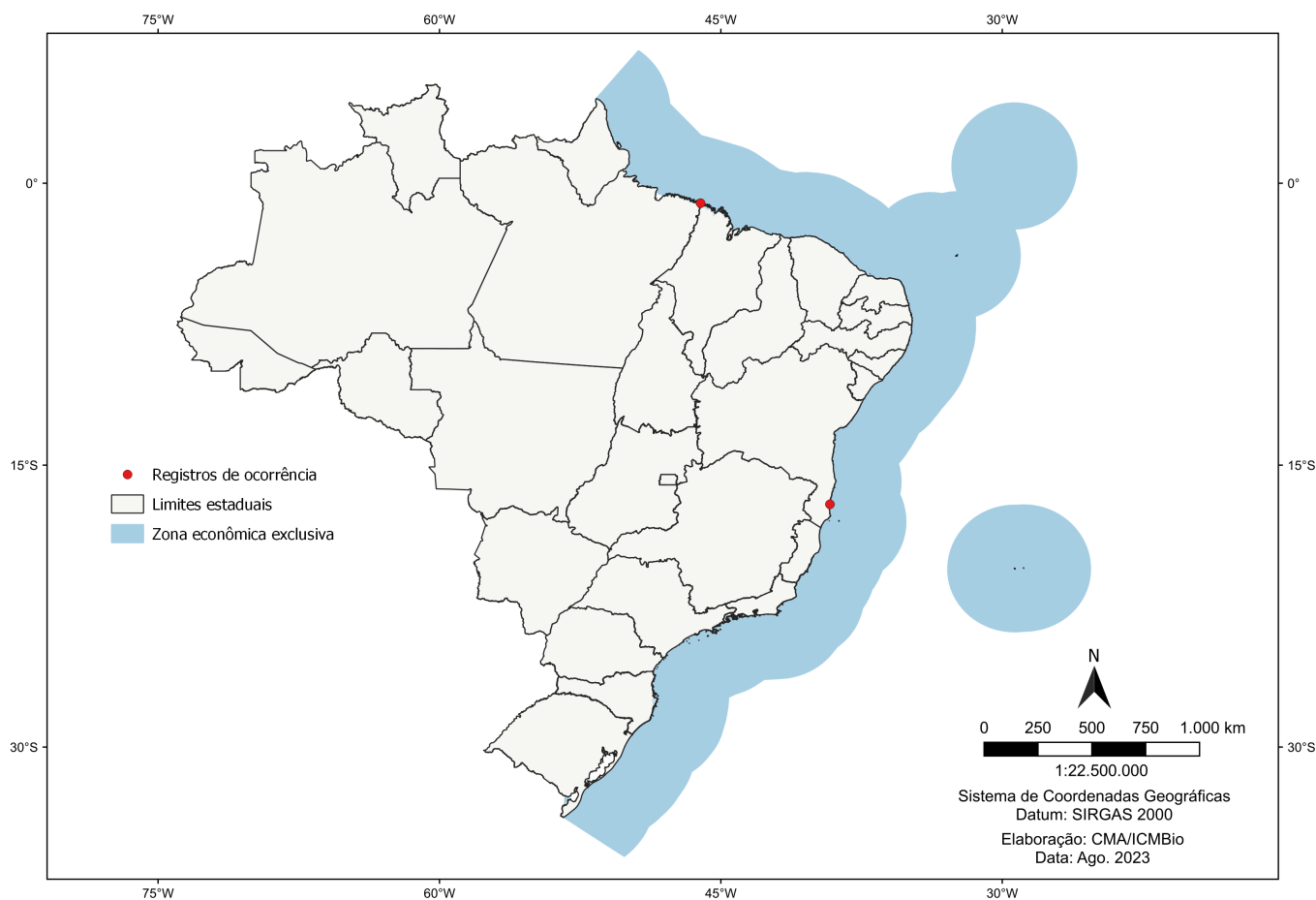
Bahia, Espírito Santo, Pará, Rio de Janeiro, São Paulo

### Biomias

Amazônia, Mata Atlântica

### Bacias Hidrográficas

Sub-bacia Litoral BA ES



## História Natural

### Espécie migratória? Sim

Indivíduos solitários ou em pequenos grupos são avistados com frequência. Em áreas de alimentação, os grupos podem conter centenas de animais (Perrin & Brownell, 2009). Machos imaturos são mais solitários que machos maduros, pelo menos em altas latitudes (Perrin & Brownell, 2002). A baleia-minke-antártica pode segregar por idade, sexo ou estado reprodutivo, tanto em áreas da Antártida como durante a migração (Bastida *et al.*, 2007). Não exibem comportamentos aéreos frequentes como outras baleias (Würsig &

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio  
Processo de Avaliação do Risco de Extinção da Fauna Brasileira

Whitehead, 2009). Sobem à superfície rapidamente e o borrifo tende a ser difuso e, geralmente, imperceptível. Não mostram a nadadeira caudal ao mergulhar. Podem permanecer embaixo d'água por até 20 minutos. Frequentemente se aproximam das embarcações e permanecem paradas ou se afastam lentamente (Bastida, 2007). É possível aproximar-se dos animais quando estão se alimentando (Perrin & Brownell, 2002).

A idade máxima de animais capturados foi de 50 anos (Williamson, 1975) e o tempo de geração é estimado em 22,1 anos (Taylor *et al.*, 2007). A taxa de mortalidade natural é de 0,139-0,148 para machos e 0,149-0,156 para fêmeas (Kato, 1982).

### Hábito Alimentar

Tipo	Referência Bibliográfica
Planctófago	

### Hábito alimentar especialista? Sim

Taxon	Categoria
Euphausia superba	
Thysanoessa macrura	
Euphausia crystallorophias	
Euphausia frigida	

### Observações sobre o hábito alimentar

Na Antártida, as baleias-minke alimentam-se quase que exclusivamente de krill, principalmente *Euphausia superba*, mas também de *E. crystallorophias* (krill-do-gelo), *E. frigida*, e *Thysanoessa macrura* (Tamura & Konishi, 2006; Bannister, 2009). A alimentação fora da Antártida, em locais de internada ou em rotas migratórias não é bem conhecida. Best (1982), encontrou um nível muito baixo de alimentação, quase inteiramente de eufasídeos ao largo de Durban, África do Sul.

Indivíduos solitários ou em pequenos grupos são avistados com frequência. Em áreas de alimentação, os grupos podem conter centenas de animais (Perrin & Brownell, 2009). Machos imaturos são mais solitários que machos maduros, pelo menos em altas latitudes (Perrin & Brownell, 2002).

### Reprodução

**Intervalo de nascimentos:** 14 Mês(es)

**Tempo de gestação:** 10 Mês(es)

**Tamanho da prole:** 1 indivíduo(s)

Reprodução anual e bianual pode ser a regra, com pico de nascimentos ocorrendo em julho e agosto, após uma gestação de cerca de 10 meses (Williamson, 1975; Best, 1982). Normalmente, nasce apenas um filhote de cada vez (Kato, 1982), com 2,8 m de comprimento. O filhote se separa da mãe com 4 a 6 meses (Williamson, 1975; Best, 1982), quando medem 4,5m (Williamson, 1975).

A espécie é poligâmica (Lucena, 2006). Atingem maturidade sexual aos 8 anos, quando as fêmeas estão com 8,1m e os machos 7,6m (Horwood, 1990). As fêmeas ovulam cerca de quatro meses após o parto, em um ciclo de 14 meses entre partos (Best, 1982). Uma temporada de acasalamento prolongada permite às fêmeas continuarem esta rápida capacidade reprodutiva sem perderem a sincronia com a disponibilidade dos machos nas baixas latitudes (Best, 1982). A taxa de gestação continua próxima a 90% para a maior parte do ano, sugerindo em média um ciclo reprodutivo anual (Perrin & Brownell, 2009). Este ciclo faz com que as fêmeas percam um ciclo de reprodução a cada cinco ou seis anos. Isso leva a uma taxa de gestação média de 0,8 a 0,83, com um máximo de 0,86 (Horwood, 1990).

Pesquisas realizadas no Pacífico Sul e no Índico, em baixas e médias latitudes, sugerem que as áreas de reprodução encontram-se entre 10° e 20°S e que as populações reprodutivas se dispersam em mar aberto (KASAMATSU et al., 1995). A partir da análise de dados de animais capturados na Paraíba, Lucena (2006) confirma a hipótese levantada anteriormente (Baldas & Castello, 1986; Horwood, 1990; Zerbini, 1997) de que os nascimentos ocorrem em médias latitudes, em áreas distintas do acasalamento. Um grupo composto de um indivíduo adulto, dois juvenis e um filhote foi avistado na costa Leste de São Paulo, em profundidade era de 610 m (Zerbini *et al.*, 2004). Indivíduos sexualmente maduros realizam migração anual de locais próximo ao Equador para a Antártida, percorrendo a distância de cerca de 14.500 km (8.000 milhas náuticas) de ida e volta (Williamson, 1975).

Dados de 1976-1978 indicaram que entre 81,2 a 88,9% dos animais capturados na Paraíba eram indivíduos maduros (Da Rocha, 1980).

## População

**Tempo geracional:** 22,1 Ano(s)

**Tendência populacional:** Desconhecida

### Observações sobre a população

Entre 1964 e 1985, cerca de 100 mil baleias-minke foram capturadas por expedições pelágicas baleeiras na Antártida, além de mais de 14 mil capturadas no Brasil.

A CIB divide, arbitrariamente, as minkes-antárticas do Hemisfério Sul em seis áreas de manejo (I a VI, Donovan, 1991). A costa brasileira corresponde à área II (IWC, 2009).

Sob os auspícios do Comitê Científico da CIB, no âmbito do programa Década Internacional de Pesquisa de Cetáceos (IDCR), posteriormente Programa de Pesquisa de Baleias e do Ecossistema do Oceano Antártico (SOWER), tem-se realizado pesquisas em áreas ao Sul de 60°S, a cada verão desde 1978/79, cobrindo uma área diferente a cada ano (Matsuoka *et al.*, 2001). Essas pesquisas têm sido usadas para estimar os tamanhos das populações de baleias-minke, no pressuposto de que a maior parte da população encontra-se ao Sul de 60°S (Branch & Butterworth, 2001). Os navios de pesquisa não entram no gelo, onde se sabe que as baleias-minke ocorrem em algum grau (Shimada & Kato, 2006) e, portanto estimativas de abundância com base nos cruzeiros IDCR/SOWER estão possivelmente subestimadas.

Em 1990 o Comitê Científico realizou uma avaliação ampla das baleias-minke-antárticas, tendo adotado uma estimativa populacional de 760 mil indivíduos, com base nos resultados das pesquisas da IDCR, realizadas nas temporadas 1982/83 a 1988/89 (IWC, 1991). Resultados de pesquisas posteriores indicaram abundâncias mais baixas (IWC, 2001). A Comissão ainda não adotou uma nova estimativa, aguardando o

desenvolvimento de métodos de análise. As estimativas calculadas utilizando a metodologia padrão para fins comparativos (Branch, 2006) indicaram a relação de 0.97:1.00:0.39 entre as estimativas populacionais para os três conjuntos de levantamentos circumpolares (CPI, CPII e CPIII) realizados entre as estações de 1978/79 e 2003/2004 (IWC, 2007).

Dois métodos diferentes de estimativa de abundância têm sido desenvolvidos nos últimos anos e, apesar das estimativas serem bastante diferentes, ambos são consistentes na medida em que mostram uma diminuição sensível apenas do segundo e terceiro conjunto de cruzeiros circumpolares, referindo-se aos períodos de 1985/86-1990/91 e 1991/92-2003/04, respectivamente (IWC, 2010). Para a população global, foi estimada uma taxa de crescimento anual de 0,08 (Taylor, 2007).

## Ameaças

A caça comercial sobre esta espécie não foi tão intensa como para a maioria das baleias de barbatana. Capturas substanciais de baleias-minke-antárticas, além de algumas capturas experimentais em fins da década de 1960, foram feitas por expedições de pesca pelágica a partir de 1971, após a depleção das maiores baleias de barbatanas (IWC, 2006 apud Reilly *et al.* 2008). Cerca de 100 mil baleias-minke foram capturadas por expedições pelágicas baleeiras na Antártida, além de mais de 14 mil capturadas no Brasil, a partir da estação de caça em Costinha (PB), durante 1964-1985. Nas temporadas de 1964-1985 as baleias-minke-antártica foram quase que exclusivamente alvo de operação de caça em Costinha-PB (7°S), com o pico de abundância em outubro (Da Rocha & Braga, 1982; Holt *et al.*, 1982, Andriolo *et al.* 2010). Desde 1987, a captura de espécies pelágicas continua sob a licença científica - em um nível reduzido, mas crescente. A captura no período de 2005/2006 foi de 853 indivíduos (Miyashita & Kato, 2006). Por outro lado, as baleias-minke-antárticas não estão sujeitas a qualquer ameaça antrópica direta substancialmente conhecida.

Capturas acidentais em artes de pesca foram registradas (e.g. van Waerebeek & Reyes, 1994), mas não há indicação de que os números sejam significativos.

Neste século, é esperada uma redução profunda na extensão do gelo marinho na Antártida e, possivelmente, um desaparecimento completo no verão, uma vez que a temperatura média da Antártida aumenta mais rapidamente do que a média global (Turner *et al.*, 2006). As implicações desta redução de gelo não são claras para as baleias-minke, mas justificam o monitoramento.

Tipo de Ameaça	Referência Bibliográfica
5 - Uso de recursos biológicos 5.1 - Caça e captura de animais terrestres ou marinhos 5.1.2 - Efeitos indiretos (a espécie não é o alvo)	
5 - Uso de recursos biológicos 5.4 - Pesca e uso de recursos aquáticos	
11 - Mudanças e extremos climáticos	

## Usos

Desde 1987, a captura de espécies pelágicas continua sob a licença científica, em um nível reduzido, mas crescente. A captura no período de 2005/2006 foi de 853 indivíduos (Miyashita & Kato, 2006)

## Conservação

### Última avaliação

**Data:** 22/02/2019

**Categoria:** Dados Insuficientes (DD)

### Histórico do processo de avaliação

Tipo	Ano	Abrangência	Categoria	Critério	Referência bibliográfica
Global	2008		Dados Insuficientes (DD)		
Nacional Brasil	2019		Dados Insuficientes (DD)		
Nacional Brasil	2014		Dados Insuficientes (DD)		

\* Categoria não utilizada no método IUCN.

**Presença em lista nacional oficial vigente?** Não

### Presença em Convenção

Convenção	Ano
CITES - Anexo I	1986

### Acções de Conservação

Ação	Situação	Referência Bibliográfica
null - Plano de Ação Nacional (PAN)	Concluída	
Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Mamíferos Aquáticos Grandes Cetáceos e Pinípedes		
null - Nível nacional	Existente	
null - Criação de áreas protegidas	Existente	

### Presença em UC/TI

Não foram encontradas informações para o taxon.

## Pesquisa

- Implantar um programa de pesquisa com foco na avaliação do status de conservação da espécie;
- Investigar a estrutura populacional, padrões de distribuição e influência de fatores ambientais na distribuição e abundância da espécie;
- Definir as áreas prioritárias e críticas;
- Investigar o impacto de diferentes fontes sonoras de origem antrópica;
- Avaliar e monitorar o impacto da interação com a pesca;
- Determinar os níveis de contaminantes na espécie.

Tema	Situação	Referência Bibliográfica
Conservação	Necessária	
Estudo populacional	Necessária	
Impactos de ameaças	Necessária	
Ecologia	Necessária	
Monitoramento populacional	Necessária	

### Equipe Técnica

Estevão Carino Fernandes de Souza, Carlos Augusto Rangel, Fábila de Oliveira Luna

### Validadores

Drielle Dos Santos Martins, MARCIO ROBERTO COSTA MARTINS

## Referências Bibliográficas

---

Andriolo, A.; Rocha, J.M.; Zerbini, A.N.; Simões-Lopes, P. C.; Moreno, I.B.; Lucena, A.; Danilewicz, D. & Bassoi, M. 2010. Distribution and relative abundance of large whales in a former whaling ground off eastern South America. *Zoologia*, 27: p.741--750.

Árnason, Ú.; Gullber, A. & Widegren, B. 1993. Cetacean mitochondrial DNA control region: sequences of all extant baleen whales and two sperm whale species.. *Molecular Biology and Evolution*, 10: p.960-970.

Baldas, M. I. & Castello, H. P. 1986. Sobre el hallazgo de ejemplares juveniles de ballena minke, *Balaenoptera acutorostrata*, en el estuario del Rio de la Plata y sur de Brasil. *In: REUNIÓN DE TRABAJO DE EXPERTOS EN MAMÍFEROS ACUÁTICOS AMÉRICA DEL SUR. In: REUNIÓN DE TRABAJO DE EXPERTOS EN MAMÍFEROS ACUÁTICOS AMÉRICA DEL SUR*. Buenos Aires. (Resumo)

Bannister, J. 2009. Baleen Whales (Mysticetes).. p.80-89. *In: PERRIN & WURSIG*. Encyclopedia of marine mammals. Academic Press San Diego.

Bastida, R.; Rodriguez, D.; Secchi, E.R. & Da Silva, V.M.F. 2007. Mamíferos acuáticos de Sudamérica y Antártida. p.368. Vázquez Manzini Buenos Aires.

Best, P. B. 1982. Seasonal abundance, feeding, reproduction, age and growth in minke whales off Durban (with incidental observations from the Antarctic).. *Reports of the International Whaling Commission*, 32: p.759-786.

Branch, T. A. 2006. Abundance estimates for Antarctic minke whales from three completed circumpolar sets of surveys, 1978/79 to 2003/04. IWC Scientific Committee,

Branch, T.A. & Butterworth, D.S., 2001. Estimates of abundance south of 60°S for cetacean species sighted frequently on the 1978/79 to 1997/98 IWC/IDCR-SOWER sighting surveys. *Journal of Cetacean Research and Management*, 3 (3): p.251-270.

Buckland, S. T. & Duff, E. I. 1989. Analysis of southern hemisphere minke whale mark-recovery data.. *Reports of the International Whaling Commission*, 11: p.121-143.

CITES, 2010. CITES Trade Database.. Disponível em: [https://trade.cites.org/en/cites\\_trade](https://trade.cites.org/en/cites_trade).

Da Rocha, J. M. 1980. Progress Report on Brazilian Minke Whaling.. *Reports of the International Whaling Commission*, 30: p.379-384.

Da Rocha, J. M. & Braga, N. M. A. 1982. Brazil Progress Report on cetacean research, June 1980 to May 1981.. p.155-159.

Donovan, G. P. 1991. A review of IWC stock boundaries. *Reports of the International Whaling Commission*, 13: p.39-68.



Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio  
Processo de Avaliação do Risco de Extinção da Fauna Brasileira

Glover, A.G.; Kemp, K.M.; Smith, C.R. & Dahlgren, T.G., 2008. On the role of bone-eating worms in the degradation of marine vertebrate remains. *Proceedings of the Royal Society B: Biological Sciences*,

Holt, S. J.; De La Mare, W. K. & Van Beek, J. 1982. A review of information available for the assessment of minke whales in Area II. *Reports of the International Whaling Commission*, 32: p.717-721.

Horwood, J. 1990. *Biology and exploitation of the minke whale*. p.238. Boca Raton Florida.

International Whaling Commission 2007. Report of the Scientific Committee. *Journal of Cetacean Research and Management*, 9:

International Whaling Commission 2009. International Convention for the Regulation of Whaling, 1946, Schedule As amended by the Commission at the 61st. Annual Meeting Madeira, Portugal,

International Whaling Commission., 2001. Report of the Scientific Committee. 11.4. Nomenclature..

International Whaling Commission., 2006. The IWC Summary Catch Database.. p.409–412.

IWC, International Whaling Commission, 2010. Main Report of the Scientific Committee. *Journal of Cetacean Research and Management*, 8: p.49.

Kasamatsu, F. & Miyashita, T. 1983. The abundance of minke whales in mid-latitude waters of the Southern Hemisphere in the austral summer.. *Reports of the International Whaling Commission*, 33: p.373-377.

Kato, H. 1982. Some Biological Parameters for the Antarctic Minke Whale.. *Reports of the International Whaling Commission*, 32: p.935-945.

Lima, D.; Silva, C.R.; Marmontel, M.; Zerbini, A.N.; Moraes, M.J.S. & Gabriel, D., 2010. Encalhe de uma baleia-minke-antártica *Balaenoptera bonaerensis* (Burmeister, 1867) na região estuarina do Estado do Amapá, Amazônia Brasileira.. *In: SOLAMAC. In: XIV Reunião de Trabalho de Especialistas em Mamíferos Aquáticos da América do Sul (RT) e 8o Congresso da Sociedade Latino- americana de Especialistas em Mamíferos Aquáticos.*, Florianopolis. (Resumo)

Lucena, A. 2006. Estrutura populacional da *Balaenoptera bonaerensis* (Burmeister) (Cetacea, Balaenopteridae) nas áreas de reprodução do Oceano Atlântico Sul.. *Revista Brasileira de Zoologia*, 23: p.176-185.

Matsuoka, K.; Ensor, P.; Hakamada, T.; Shimada, H.; NISHIWAKI, S.; Kasamatsu, F. & Kato, H. 2001. Overview of the minke whale sighting survey in IWC/IDCR and SOWER Antarctic cruises from 1978/79 to 2000/01.. Paper SC/53/IA6 presented to the IWC Scientific Committee, p.75.

Miyashita T. & Kato H., 2006. Japan Progress report on Cetacean Research, May 2005 To April 2006, with statistical data for the calendar year 2005.. *International Whaling Commission Scientific Committee.*, p.188-209.



Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio  
Processo de Avaliação do Risco de Extinção da Fauna Brasileira

- Pastene, L. A.; Fujise, Y. & Numachi, K. 1994. Differentiation of mitochondrial DNA between ordinary and dwarf forms of southern minke whale. Reports of the International Whaling Commission, 44: p.277-282.
- Pastene, L. A.; Goto, M.; Kanda, N.; Zerbini, A. N.; Kerem, D.; Watanabe, K.; Bessho, Y.; Hasegawa, M.; Nielsen, R.; Larsen, F. & Palsboll, P. J. 2007. Radiation and speciation of pelagic organisms during periods of global warming: the case of the common minke whale, *Balaenoptera acutorostrata*. Molecular Ecology, 16: p.1481-1495.
- Perrin, W. & Brownell JR, R. 2002. Encyclopedia of Marine Mammals.. Academic Press San Diego.
- Perrin, W. F. & Brownell, R. L 2009. Minke Whales *Balaenoptera acutorostrata* and *B. bonaerensis*. p.733-735. In: PERRIN *et al.*. Encyclopedia of marine mammals. Academic Press San Diego.
- Ramos, R.M.A. Siciliano, S. & Ribeiro, R., 2010. Monitoramento da biota marinha em navios de sismica: seis anos de pesquisa (2001-2007), p.1151. Everest Tecnologia em Serviços Vitória.
- Reilly, S.; Bannister, J.; Best, P.; Brown, M.; Brownell Jr, R.; Butterworth, D.; Clapham, P.; Cook, J.; Donovan, G.; Urbán, J. & Zerbini, A., 2008. *Balaenoptera bonaerensis*. 2008 IUCN Red List of Threatened Species. 2008 IUCN Red List of Threatened Species,
- Reilly, S.B.; Bannister, J.L.; Best, P.B.; Brown, M.; Brownell Jr., R.L.; Butterworth, D.S.; Clapham, P.J.; Cooke, J.; Donovan, G.P.; Urbán, J. & Zerbini, A.N., 2010. *Balaenoptera musculus*. The IUCN Red List of Threatened Species 2008: e.T2477A9447146, Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2008.RLTS.T2477A9447146.en>.
- Rice, D.W., 1998. Marine mammals of the world. Systematics and distribution., p.231. The Society for Marine Mammalogy
- Rocha-Campos, C.C. & Câmara, I.G. (Org.) 2011. Plano de ação nacional para conservação dos mamíferos aquáticos: grandes cetáceos e pinípedes: versão III. p.156. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, ICMBio Brasília.
- Santos, M.C.O. Siciliano, S. Vicente, A.F.D.C. Alvarenga, F.S. Zampirolli, é. Souza, S.P.D. & Maranhão, A., 2010. Cetacean records along São Paulo state coast, Southeastern Brazil. Brazilian Journal of Oceanography, 58 (2): p.123-142.
- Shimada, H. & Kato, A. 2006. Tentative population assessment of the Antarctic minke whale within ice field using a sighting data on the Ice Breaker, Shirase in 2004/2005.. International Whaling Commission Scientific Committee.,
- Siciliano, S. Emin-Lima, N.R. Costa, A.F. Rodrigues, A.L.F. Magalhães, F.A. Tosi, C.H. Garri, R.G. Silva, C.R. Sousa e Silva Jr., J., 2008. Revisão do conhecimento sobre os mamíferos aquáticos da costa norte do Brasil. Arquivos do Museu Nacional, 66 (2): p.381-401.



Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio  
Processo de Avaliação do Risco de Extinção da Fauna Brasileira

Siciliano, S.; Moura, J.F.; Emin-Lima, N.R.; Arcoverde, D.L.; Sousa, M.E.M.; Martins, B.M.L.; Sousa e Silva Jr., J.; Tavares, M.; Santos, M.M.C.O. & Ott, P.H., 2011. Large baleen whales on the coast of Brazil: a review of post-1997 data on strandings and sightings - Paper SC/63/SH2. IWC Scientific Committee. Norway., Disponível em: <https://iwc.int/sc63docs>.

Tamura, T. & Konishsi, K. 2006. Food habit and prey consumption of Antarctic minke whale *Balaenoptera bonaerensis* in the JARPA research area. Paper SC/D06/J18 presented to the JARPA Review workshop,

Taylor, B. L.; Chivers, S. J.; Larese, J. & Perrin, W. F. 2007. Generation length and percent mature estimates for IUCN assessments of Cetaceans.. NOAA Southwest Fisheries Science Center, La Jolla, California. Administrative Report LJ-07-01,

Turner, J.; Lachlan-Cope, T. A.; Colwell, S.; Marshall, G. J. & Connolley, M. 2006. Significant warming of the Antarctic winter troposphere. *Science*, 311: p.1914-1917.

Van Waerebeek, K. & Reyes, J. C. 1994. A note on the incidental mortality of southern minke whales off western South America.. *Reports of the International Whaling Commission*, 15: p.521-524.

Wada, S.; Kobayashi, T. & Numachi, K. 1991. Allozyme Genetic variability and differentiation of mitochondrial DNA in minke whales. *Reports of the International Whaling Commission*, 13: p.125-154.

Willianson, G.R. 1975. Minke whales off Brazil.. *Scientific Reports of the Whale Research Institute*, 27: p.37-59.

Würsig, B. & Whitehead, H. 2009. *Encyclopedia of marine mammals*. p.5-11. Academic Press San Diego.

Zerbini, A. N.; Secchi, E. R.; Bassoi, M.; Dalla-Rosa, L.; Higa, A.; Sousa, L.; Moreno, I. B.; Moller, L. & Caon, G. 2004. Distribuição e abundância relativa de cetáceos na zona econômica exclusiva da região sudeste-sul do Brasil.. p.1-40. Instituto Oceanográfico-USP. (Série Documentos Revizee - Score Sul). São Paulo.

Zerbini, A.N. Secchi, E.R. Siciliano, S. & Simões-Lopes, P.C., 1997. A review of the occurrence and distribution of whales of the Genus *Balaenoptera* along the Brazilian coast. *Reports of the International Whaling Commission*, 47: p.407-417.



Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio  
Processo de Avaliação do Risco de Extinção da Fauna Brasileira

## Referências dos Registros

---

Marcondes, M.C.C. 2009. Sistema de Autorização de Informação em Biodiversidade - SISBIO

Siciliano, S., 2008. Sistema de Autorização de Informação em Biodiversidade - SISBIO